
José Augusto Cardoso Bernardes, *A oficina de Camões: apontamentos sobre os lusíadas*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2022, 260 pp.

José Cândido de Oliveira Martins
Universidade Católica Portuguesa
cmartins@ucp.pt

O autor deste ensaio camoniano é um reputado docente e investigador da obra de Luís de Camões, além de outros autores clássicos da literatura portuguesa (Gil Vicente, por exemplo), como amplamente comprovado no seu extenso elenco de publicações, reconhecidas dentro e fora de Portugal. Além disso, recorde-se que esta publicação surge justamente no ano em que se comemoram os 450 anos de Publicação de *Os Lusíadas* de Luís de Camões (1572-2022).

Com um subtítulo conotador de modéstia, este volume compõe-se da reunião de uma dezena de estudos, agora objeto de revisão e organização, com vista a uma estrutura coerente e um propósito claramente formativo. No final, uma tábua informativa elucida o leitor sobre os locais de publicação prévia destes estudos. Ao mesmo tempo que nos apresenta este volume, o autor remete para outros estudos a publicar proximamente: “Os estudos que se seguem foram publicados ao longo dos últimos 20 anos. Após alguma hesitação, optei por trabalhos que incidem sobre a épica e sobre o ensino da obra de Camões, em geral. Ficam assim de lado outros textos (sobre a Lírica e sobre o Teatro). Podem vir a integrar um volume separado. O mais provável, porém, é que venham a contribuir para a construção de um volume de raiz sobre Luís de Camões.

Pelo sugerido, mostra-se bastante eloquente do propósito pedagógico que preside a estes estudos o recurso a uma breve introdução em cada capítulo, bem como a orientação para a bibliografia selecionada e específica sobre o tema tratado. Pode bem funcionar como uma panorâmica das grandes questões (estado da arte) que hoje se podem colocar no processo de ensino e aprendizagem de *Os Lusíadas*, apresentando-se assim como louvável revisitação crítica, voltada para um público amplo, e não apenas para o circuito elitista

dos especialistas da camonologia. Convém sublinhar que esta revisitação crítica é feita por mão informada e segura, o que nem sempre acontece em publicações animadas por este propósito.

De assumida intenção pedagógica, como referido, estes estudos visam assim superar, e com manifesto sucesso, o fosso existente entre as investigações académicas bastante especializadas e nem sempre ao alcance dos leitores interessados em Camões; e uma certa vulgata didática que prolifera em manuais escolares e outros produtos afins, tendo no épico português um autor canónico. Aliás, os estudos reunidos neste volume surgem na sequência de outras publicações do autor orientadas por similares preocupações em torno do ensino de obras canónicas como *Os Lusíadas*.

Para isso, o autor procede a uma informada contextualização histórica dos programas curriculares do Ensino Secundário, sem descurar o modo como Luís de Camões é (ou não) objecto de estudo ao nível do Ensino Superior (veja-se especialmente, a este respeito, o capítulo X, intitulado “O Ensino de Camões: aproximação a um problema maior”). Aliás, em outros estudos de horizonte mais geral, o autor tem-se debruçado sobre a problema que envolve o ensino da literatura hoje (cf. *A Literatura e o Ensino do Português*, 2013).

Orientado por este ideário, este notável livro proporciona-nos um alargado conjunto de estudos sobre o alongado e complexo trabalho oficial de Camões, implicados na leitura da sua epopeia. Fazendo um ponto de situação constante no que respeita à mais sólida e relevante bibliografia camoniana, sob o modesto título de “apontamentos”, estes estudos são uma sólida introdução à epopeia camoniana. E o índice detalhado de cada um dos capítulos mostra-se motivador do interesse, por um lado; e, por outro, elucidativo da estrutura argumentativa de cada um desses estudos.

Uma enumeração dos temas que integram esta abordagem da oficina de *Os Lusíadas* mostra-se eloquente da abrangente panorâmica: (i) introdução sobre as incertezas do texto camoniano e suas opções compositivas; (ii) a dedicatória da epopeia e o “caso” de Inês de Castro; (iii) o episódio dos doze de Inglaterra e a ética cavaleiresca; (iv) a presença do mar na construção da utopia; (v) do simbolismo gastronómico à ideia camoniana de redenção; (vi) as estâncias finais do “nunca ouvido canto”; (vii) a adaptação da epopeia para os mais jovens por Vasco Graça Moura; (viii) os estudos camonianos de Eduardo

Lourenço; (ix) a panorâmica das edições da epopeia camoniana; e (x) a problematização do ensino de Camões.

No actual panorama de língua portuguesa, não se encontra outra obra recente que seja comparável, podendo este volume funcionar como informada, segura e acessível informação crítica e pedagógica sobre *Os Lusíadas* de Camões, sua génese, composição e recepção. Problematizar questões centrais acerca do ensino de um autor central do cânone como Luís de Camões é um dos grandes méritos deste volume. Outro mérito muito apreciável reside no registo discursivo adoptado: tornar simples o que é complexo é uma arte ao alcance de muito poucos.

Barbara Gori, Mário de Sá-Carneiro e a Impossibilidade de Renunciar. Estudos sobre a Prosa, Lisboa, Edições Colibri, 2022, 254 pp.

José Vieira
Cátedra Manuel Alegre, Universidade de Pádua
jose.vieira@unipd.it

O início de um dos maiores romances da literatura universal, *Anna Karénina*, de Tolstói, dá-se com uma frase lapidar, não só pelo seu alcance, mas também pela sua representatividade: “Todas as famílias felizes se parecem umas com as outras, cada família infeliz é infeliz à sua maneira”.

De facto, não são nem a felicidade nem a alegria constante os grandes motivos da arte e da literatura. Pelo contrário, são o sofrimento e a luta pelo sentido das coisas e pelo sentido da vida, espelho da condição humana, os temas que movem pintores, músicos, escritores e *tutti quanti*.

Mário de Sá-Carneiro, representante da alta literatura europeia modernista, insere-se neste plano, seja pela sua vida breve, de 25 anos incompletos, terminada num quarto de hotel, seja pela sua escrita e pela imagem que nela plasma daquilo que deve ser o artista e o sujeito